

# Soluções só a longo prazo, diz Barrizzelli

Becon - Brasil

Não existe perspectiva, a curto prazo, de solução para a crise econômica brasileira. Ela é menos grave que a de 1982, o País tem condições para sair dela, continua a ser um mercado atraente para os investidores estrangeiros, mas não encontrará a saída em menos de cinco anos, pelo menos. Por quê? Porque ao contrário das cinco grandes crises que o Brasil viveu nos últimos 20 anos, todas administradas e com começo, meio e fim bem definidos, esta é completamente anárquica. A análise foi feita ontem pelo diretor-geral da Susa S.A. (holding das lojas Sears, Ultralar, Sandiz e Bob's), Nelson Barrizzelli, durante almoço-palestra promovido pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros, sobre o tema "Investimentos em Época de Crise".

Longe de considerar esta uma posição pessimista, Barrizzelli destacou que o Brasil tem fatores internos capazes de sustentar um novo período de crescimento: grande mercado consumidor potencial, boa produção agrícola, recursos minerais e infraestrutura industrial. "Analizando a situação mundial, só o Brasil, entre os países em desenvolvimento, tem uma estrutura assim."

O problema, em sua opinião, é que além de estar às voltas com problemas estruturais internos (a mudança de regime político e a elaboração da nova Constituição), o Brasil está tendo "uma inabilidade total e completa no trato com os credores e investidores externos, o que vem gerando uma sinistrose em relação ao País que afasta os aplicadores". Uma análise estatística, porém, é capaz de revelar que essa "sinistrose" não tem fundamentos reais, garante Barrizzelli: "Nos últimos 20 anos, o PNB do Brasil cresceu, em média, 7% ao ano, perdendo apenas para o Japão, que cresceu 7,2%".

Barrizzelli confia na recuperação



Jamil Ismail

**Barrizzelli: crise anárquica**

do mercado, a médio prazo. A Susa (controlada pelos grupos Victor Malzoni e Vendex, da Holanda) é uma das poucas empresas com capital estrangeiro a manter seu programa de investimentos: US\$ 150 milhões desde 1982, US\$ 70 milhões neste ano, com a compra da cadeia Sandiz e mais US\$ 130 milhões nos próximos quatro anos, em estruturação de todas as lojas do grupo. "Trata-se de uma filosofia empresarial. Investimos na crise, quando os preços caem, para crescer mais que a média de mercado no período expansionista subsequente."

Quanto aos demais investidores externos, porém, Barrizzelli acredita que não se sintam seguros para investir em um mercado potencial numa época de muitas incertezas. Para reverter a situação, segundo ele, o Brasil terá de rever "sua política industrial xenófoba" e trazer à tona o lado atrativo de nosso mercado. "A médio e longo prazos isso deve acontecer. Temo apenas que os empresários não tenham paciência para esperar o período de recuperação", concluiu.